



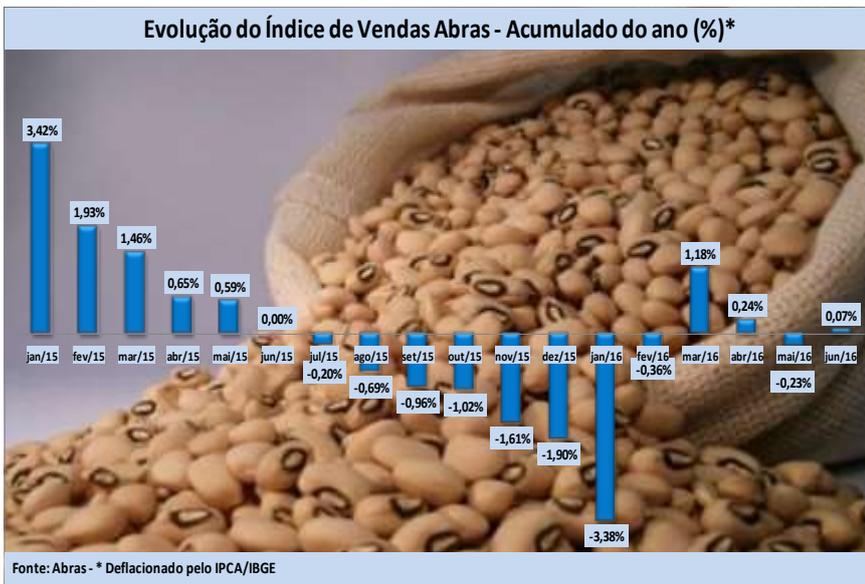
abras ECONOMIA

www.abras.com.br

A informação que fala direto ao seu bolso

29 de julho de 2016

Faturamento do setor mostra estabilidade no semestre



Em junho, as vendas reais do autosserviço apresentaram queda de -1,03% na comparação com o mês imediatamente anterior e alta de 1,67% em relação ao mesmo mês do ano de 2015, de acordo com o Índice Nacional de Vendas, apurado pela Associação Brasileira de Supermercados (Abras).

No resultado acumulado, as vendas apresentaram alta de 0,07% na comparação com o mesmo período do ano anterior. Os índices já estão deflacionados pelo IPCA do IBGE.

Em valores nominais, as vendas do setor apresentaram queda de -0,68% em relação ao mês anterior e, quando comparadas a junho do ano anterior, alta de 10,66%. No acumulado do ano as vendas cresceram 9,74%.

Vendas ficam estáveis, mas preços estão altos

No fechamento do semestre, as vendas dos supermercados medidas pelo Índice de Vendas da Abras mostraram estabilidade. Cabe destacar que o INV é deflacionado pelo IPCA cheio (que no acumulado de 2016 era de 8,84% em junho). A inflação dos alimentos, no entanto, preocupa, o que é evidenciado nos resultados do Abrasmercado, que apresenta aumento de preços acumulado em 15,15% no ano – ver mais informações nas páginas seguintes deste Boletim.

Ressaltado tal ponto, para o presidente do Conselho Consultivo da Abras Sussumu Honda “o resultado de junho mostra que as vendas em faturamento bruto apresentam estabilidade e aumentam a perspectiva de se atingir um resultado positivo no ano – ainda que pequeno –, contrariando as perspectivas iniciais que davam conta de um recuo de -1,8%”, afirmou.

Varições Período de análise – 06/15	Varição Nominal	Varição Real* (IPCA/IBGE)
Jun/16 x Mai/15	-0,68%	-1,03%
Jun/16 x Jun/15	10,66%	1,67%
Acumulado/ano	9,74%	0,07%

Índice Abras cresce 1,67% na comparação interanual



Nesta edição:

>>Conjuntura-2
Apesar do momento difícil, confiança no futuro volta a crescer

>>Abrasmercado-3
Variação de principais preços do setor é de 15,15% em 12 meses

>>Abrasmercado-4
Com alta de 2,93%, Região Sul volta a ter a cesta mais cara do país

>>PMC-5
IBGE: comércio varejista tem retração de -7,3% em 2016

>>Análise macro-6
Desigualdade de renda cresce no Brasil e no mundo

>>Indicadores-7
Indicadores macroeconômicos e do varejo

Apesar do momento difícil, confiança no futuro volta a crescer

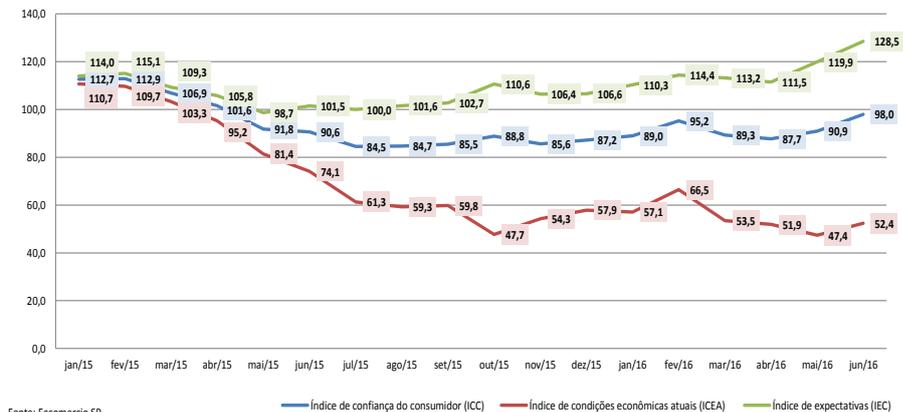
O Índice de Confiança do Consumidor (ICC), apurado pela Fecomercio no mercado paulistano, principal mercado do País, trouxe um bom resultado em junho. No mês registrou crescimento de 7,9% em relação a maio e atingiu 98 pontos – maior valor desde abril de 2015. Na comparação com junho de 2015, apresentou alta de 8,2%, registrando assim, a

primeira elevação na comparação entre o mês e o mesmo do ano anterior, desde janeiro de 2013. Com isso, o indicador de junho interrompeu 40 meses consecutivos de queda nessa base de comparação.

A elevação foi impactada principalmente pela alta no Índice das Expectativas do Consumidor (IEC) – um dos componentes do ICC –, que subiu 7,2% no comparativo com maio, alcançando os 128,5 pontos, aumento de 26,6% ante o mesmo mês de 2015 – maior crescimento registrado pelo IEC desde janeiro de 2010 nessa base de comparação (ver gráfico ao lado).

O outro componente do ICC, que mede a avaliação dos consumidores em relação às condições econômicas atuais (ICEA), atingiu 52,4 pontos, crescimento de 10,6% na comparação com maio. Na comparação com junho de 2015, porém, o ICEA ainda apresentou queda, de 29,4%. O presente está difícil, mas as expectativas melhoraram.

Evolução do Índice de Confiança do Consumidor



Fonte: Fecomercio SP

IPCA cheio desacelera, mas alimentos continuam pressionando

O Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) do mês de junho apresentou variação de 0,35%, menos da metade da taxa de 0,78% de maio. Com isso, o primeiro semestre do ano fechou em 4,42%, bem abaixo dos 6,17% registrados em igual período de 2015. Na ótica dos últimos 12 meses, o índice desceu para 8,84%, enquanto se situava em 9,32% nos 12 meses imediatamente anteriores. Em junho de 2015 o IPCA registrou 0,79%.

IPCA-15 de 12 meses está acumulado em 8,93%

O Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo 15 (IPCA-15) variou 0,54% em julho, mais do que em junho, quando a taxa ficou em 0,40%. Com este resultado, o acumulado no ano ficou em 5,19%, bem abaixo dos 6,90% registrados em igual período do ano anterior. Considerando os últimos 12 meses, o índice ficou em 8,93%. Em julho de 2015, a taxa havia sido 0,59%.

Os preços dos alimentos variaram 1,45% e foram os responsáveis pela alta do índice de junho para julho, exercendo 0,37 ponto percentual (p.p.) de impacto. Com 69% de participação no IPCA-15 do mês, o grupo Alimentação e Bebidas registrou a mais elevada variação para os meses de julho desde 2008, quando chegou a 1,75%.

Em Goiânia, Curitiba e São Paulo, os aumentos ultrapassaram os 2%, atingindo 3,41%, 2,75% e 2,03%, respectivamente.

Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo Especial - IPCA 15				
Ano	Mês	Variação (%)		
		No Mês	No ano	12 meses
2015	Jan	0,89	0,89	6,69
	Fev	1,33	2,23	7,36
	Mar	1,24	3,50	7,90
	Abr	1,07	4,61	8,22
	Mai	0,60	5,23	8,24
	Jun	0,99	6,28	8,80
	Jul	0,59	6,90	9,25
	Ago	0,43	7,36	9,57
	Set	0,39	7,78	9,57
	Out	0,66	8,49	9,77
	Nov	0,88	9,42	10,28
	Dez	1,18	10,71	10,71
2016	Jan	0,92	0,92	10,74
	Fev	1,42	2,35	10,84
	Mar	0,43	2,79	9,95
	Abr	0,51	3,32	9,34
	Mai	0,86	4,21	9,62
	Jun	0,40	4,62	8,98
	Jul	0,59	5,19	8,93

Fonte: IBGE

O feijão-carioca subiu, em média, 58,06% e foi o item que exerceu o maior impacto no índice do mês. Em Goiânia, o quilo do produto ficou 81,03% mais caro, seguido por Brasília (62,69%), Salvador (61,69%) e Fortaleza (60,63%).

Os demais tipos de feijão também apresentaram aumentos significativos em todo o País. O mulafinho passou a custar, em média, 45,94% a mais, enquanto o preto ficou 34,23% mais caro e o fradinho subiu 11,78%. Explicação para o ocorrido é dado pela variação do clima, que afetou fortemente a produção de polos importantes como o Paraná e Minas Gerais.

Além do feijão, vários outros alimentos ficaram bem mais caros de um mês para o outro. O arroz, por exemplo, teve seus preços elevados em 3,36% na média, atingindo 8,20% em Belém, 6,67% em Fortaleza e 6,53% em Goiânia.



Variação de principais preços do setor é de 15,15% em 12 meses

Em junho, o Abrasmercado, cesta de 35 produtos de largo consumo pesquisada pela GfK em mais de 900 estabelecimentos de autosserviço espalhados por todo o País, apresentou alta de 1,65% em relação a maio, movimento um pouco abaixo do verificado para o grupo de alimentos do IPCA (ver página 2).

Na comparação com o mesmo mês do ano anterior, o indicador Abrasmercado apresentou alta de 15,15%, passando de R\$ 411,03 para R\$ 473,31.

Em junho de 2015, o Abrasmercado assinalava uma alta de 1,19% em relação ao mês anterior, acumulando alta de 8,91% em 12 meses e de 7,85% no ano.

Maiores variações no mês

Afetado pelas chuvas em Minas Gerais e pelo frio no Paraná, o feijão continuou sua escalada de evolução dos preços no mês de junho, como já visto na página anterior.

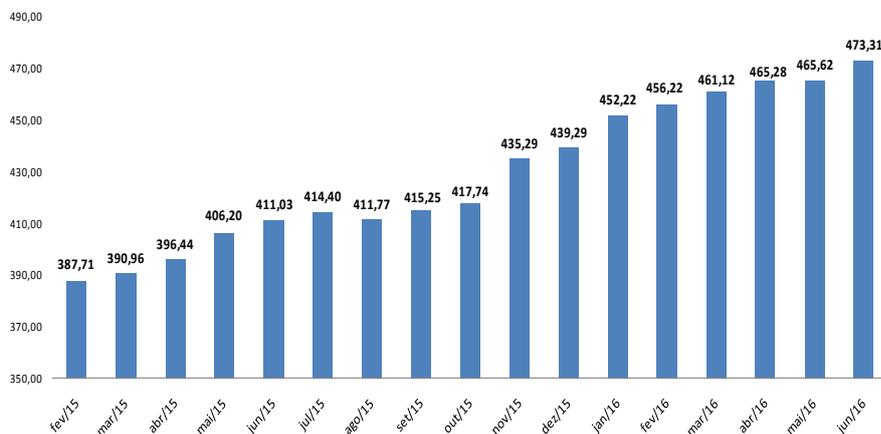
Os produtos com as maiores altas em junho, na comparação com o mês anterior, foram: feijão, com 36,68%, o leite longa vida com 10,56% e a batata com 5,17%.

O feijão obteve alta nos preços em todas as regiões, sendo que a maior alta foi registrada na Região Centro-Oeste, onde variou 59,76%. O leite longa vida teve a sua maior alta, de 14,12%, na Região Sul.

Já os produtos com as maiores quedas foram cebola, -20,74%; tomate, -4,67%; carne traseiro, -2,47%.

A cebola teve queda em todas as regiões, a maior delas foi registrada na Região Nordeste, -31,85%.

Evolução Mensal da Cesta Abrasmercado
Em R\$



Fonte: GfK

Feijão acumula alta de quase 80% em 12 meses

No resultado acumulado de 12 meses, os produtos que mais pressionaram a inflação no período foram, pela ordem: 1) o feijão, com 78,8%, 2) a batata, com 72,1%, e 3) o açúcar com 53,6%. Já os produtos com a maior queda no período foram a cebola (-33,9%) e o tomate com -23,5.

No resultado acumulado do ano de 2016, os produtos que mais pressionaram a inflação na cesta Abrasmercado foram o feijão, 75,1%, a batata, 50,0%, e a farinha de mandioca, com variação positiva de 35,6%. Na outra ponta, os produtos com as maiores quedas nos preços no acumulado no ano foram pela ordem: tomate (-25,6%), o frango congelado (-5,4%) e o pernil (-4,2%).

Abrasmercado

Período	Valor em R\$
Junho/15	R\$ 411,03
Junho/16	R\$ 473,31
Var. (%)	Mês x Mesmo mês do ano anterior 15,15

Período	Valor em R\$
Mai/16	R\$ 465,62
Junho/16	R\$ 473,31
Var. (%)	Mês x Mês Anterior 1,65

Maiores quedas (Mês x Mês anterior - %)

Cebola	-20,74
Tomate	-4,67
Carne traseiro	-2,47
Carne dianteiro	-1,98

Maiores altas (Mês x Mês anterior - %)

Feijão	36,68
Leite longa vida	10,56
Batata	5,17
Queijo prato	4,47

Comparativo Abrasmercado x IPCA

	Abrasmercado	IPCA
Varição Mensal (Jun/16 versus Mai/16)	1,65%	0,35%
Acumulado no Ano (Jan/16 a Jun/16)	7,80%	4,42%
Varição 12 meses (Jun/16 versus Jun/15)	15,15%	8,84%

Com alta de 2,93%, Região Sul volta a ter a cesta mais cara do País

Em junho, a cesta da Região Sul passou a ser a mais cara do País, com variação de 2,93%, atingindo o valor de R\$ 524,57. Na região, os produtos que apresentaram maiores altas de preços foram a batata (19,03%), o feijão (14,25%) e o leite longa vida (14,12%).

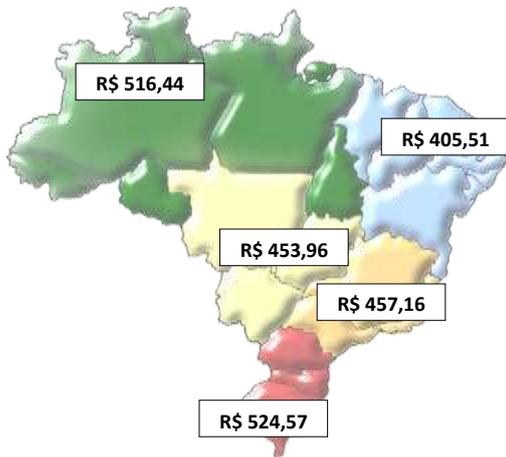
A segunda cesta mais cara do País é a da Região Norte, com valor de R\$ 516,44, oscilação de 0,68% no mês. Na região, os produtos que apresentaram maiores altas de preços foram o feijão (33,14%) e a margarina cremosa (9,89%).

A Região Nordeste apresentou alta de 0,36%, na relação de um mês para o outro. Na região, os produtos que apresentaram maiores altas de preços foram o feijão (28,41%) e o arroz (9,62%).

Cesta Abrasmercado por Estados e Municípios			
Estados, Regiões e Capitais	Mai	Junho	Varição
Santa Catarina	511,61	525,24	2,66%
Salvador	417,56	406,70	-2,60%
Recife	407,91	415,13	1,77%
Natal	387,76	414,13	6,80%
Maceió	421,51	419,12	-0,57%
João Pessoa	448,76	450,18	0,32%
Interior do Rio Grande do Sul	510,39	512,55	0,42%
Interior do Paraná	498,88	517,06	3,64%
Interior de São Paulo	449,79	461,93	2,70%
Interior de Minas Gerais	422,38	433,30	2,58%
Grande Vitória	448,59	459,14	2,35%
Grande São Paulo	463,88	472,59	1,88%
Grande Rio de Janeiro	436,60	442,24	1,29%
Grande Porto Alegre	523,02	534,85	2,26%
Grande Belo Horizonte	415,84	435,10	4,63%
Goiania	358,51	371,24	3,55%
Fortaleza	375,01	377,29	0,61%
Curitiba	500,29	524,77	4,89%
Cuiabá	401,38	402,99	0,40%
Campo Grande	360,43	361,09	0,18%
Brasília	552,38	562,22	1,78%
Nacional	465,62	473,31	1,65%

Fonte: GfK

Preços das Cestas Regionais



Fonte: GfK

Natal tem a maior variação no mês: 6,80%

A Região Centro-Oeste apresentou alta de 1,95% na relação de um mês para o outro, com destaque para a alta no preço do feijão (59,76%). A cesta regional ficou em R\$ 453,96.

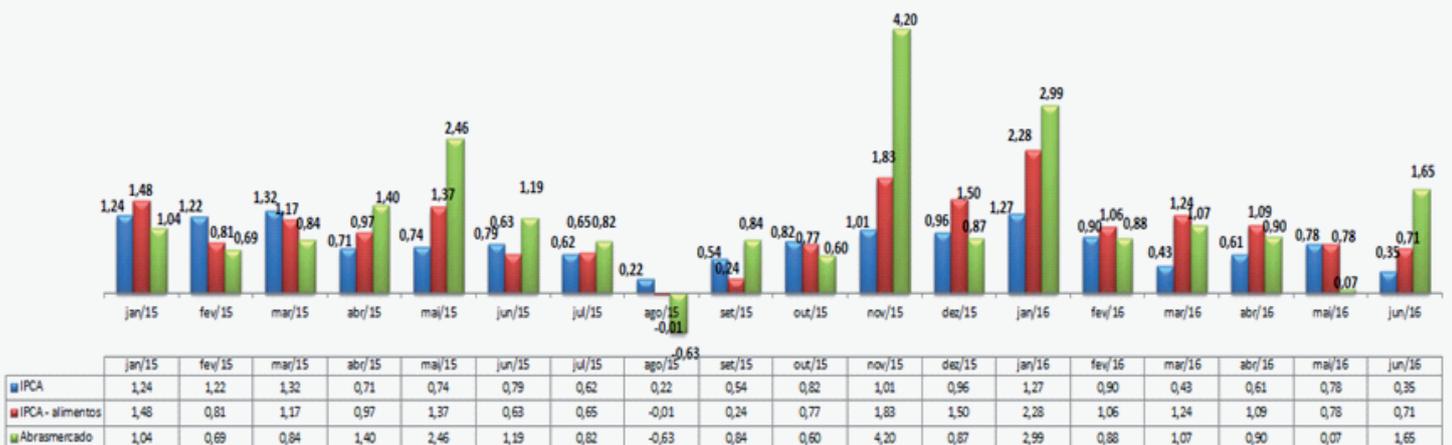
A Região Sudeste registrou alta de 2,18%, atingindo o valor de R\$ 457,16. A maior alta da região foi verificada no feijão (44,03%).

Em julho, Brasília continuou a ter a cesta mais cara do País, com o valor de R\$ 562,22, e variação de 1,78% no mês. Destaque para a alta no preço do feijão (65,59%).

Natal apresentou entre capitais e municípios a maior alta nos preços do País, com variação de 6,80%, atingindo o valor de R\$ 414,13. Na região, os produtos que apresentaram as maiores altas no mês foi o feijão (75,13%).

Na Grande São Paulo, a cesta apresentou em junho variação de 1,88%, atingindo o valor de R\$ 472,59. Os produtos que apresentaram alta nos preços foram o feijão (62,79%) e o leite longa vida (12,64%).

Evolução dos Indicadores de Preços
IPCA - IPCA Alimentos - Abrasmercado (%)



Fonte: IPCA = IBGE, Abrasmercado = GfK

IBGE: comércio varejista tem retração de -7,3% em 2016

Os dados da Pesquisa Mensal do Comércio (PMC), do IBGE mostram que o varejo continua andando para trás em 2016 e voltou a apresentar resultado negativo. Em maio, o comércio varejista nacional registrou variação de -1,0% no volume de vendas em relação ao mês imediatamente anterior (com ajuste sazonal). Nesta mesma comparação, a variação da receita nominal permaneceu praticamente estável (-0,1%), evidenciando uma compensação pela elevação de preços em curso.

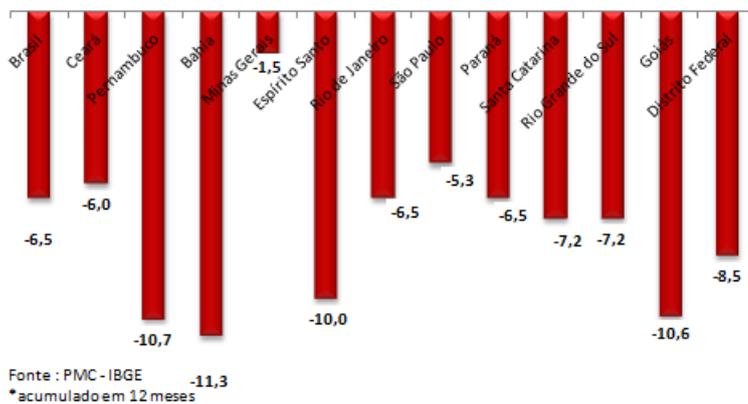
Na série original sem ajuste, o varejo apresentou, em termos de volume de vendas, decréscimo de 9,0% sobre maio do ano anterior, sendo esse o 14º resultado negativo consecutivo. Com isso, o varejo acumula recuos de -7,3% nos cinco primeiros meses do ano e de -6,5% nos últimos 12 meses.

Para as mesmas comparações, a receita nominal – isto é, seu faturamento sem utilização de deflatores – de vendas apresentou variação positiva de 2,2%, 4,2% e de 3,2%, respectivamente.

Indicadores do volume de vendas do comércio varejista e comércio varejista ampliado segundo grupos								
Atividades	mês/mês anterior (*)			mês/igual mês do ano anterior			Acumulado	
	Taxa de Variação			Taxa de Variação			Taxa de Variação	
	Mar	Abr	Mai	Mar	Abr	Mai	No ano	12 Meses
Comércio Varejista (**)	-0,9	0,3	-1,0	-5,7	-6,9	-9,0	-7,3	-6,5
1- Combustíveis e lubrificantes	-1,2	0,2	-0,4	-10,1	-10,6	-10,9	-10	-8,7
2- Hiper e supermercados...	-1,4	1	0	-1,2	-4,6	-5,6	-3,7	-3,4
2.1- Super e hipermercados	-1,6	1,2	0,2	-1	-4,4	-5,3	-3,6	-3,4
3- Tecidos, vest. e calçados	-4,6	3,9	1,5	-15,3	-9,9	-13,5	-12,7	-11,4
4- Móveis e eletrodomésticos	-1,1	-1,9	-1,3	-13,8	-10,1	-14,6	-15,3	-15,9
4.1- Móveis	-	-	-	-16,7	-14,1	-12,6	-12,6	-16,4
4.2- Eletrodomésticos	-	-	-	-12,6	-8,2	-15,6	-16,5	-15,7
5- Artigos farmacêuticos	0	-2,4	-0,8	2,1	-1,3	-2,6	0,7	1,3
6- Livros, jornais, rev. e papelaria	-1	-3,6	-2,7	-16,2	-18,7	-24,2	-16,8	-14,7
7- Escritório, informática e comunicaç	7,4	-7,4	-2	-8,6	-14,4	-14,4	-15,8	-12,1
8- Arts. de uso pessoal e doméstico	-1,5	1,7	-2,4	-11,9	-11,1	-15,5	-13,1	-8
Comércio Varejista Ampliado (***)	-1,3	-1,5	-0,4	-7,9	-9,2	-10,2	-9,5	-9,7
9- Veículos e motos, partes e peças	-1	-6,7	1	-11,1	-13,7	-13,3	-13,5	-16,5
10- Material de Construção	-0,6	-4,1	-0,4	-14,7	-13	-10,6	-13,6	-11,6

Fonte: PMC - IBGE
 (*) Séries com Ajuste sazonal
 (**) O indicador do comércio varejista é composto pelos resultados das atividades numeradas de 1 a 8
 (***) O indicador do comércio varejista ampliado é composto pelos resultados das atividades numeradas de 1 a 10

Varição do Volume de Vendas no Comércio Varejista Maio/2016*

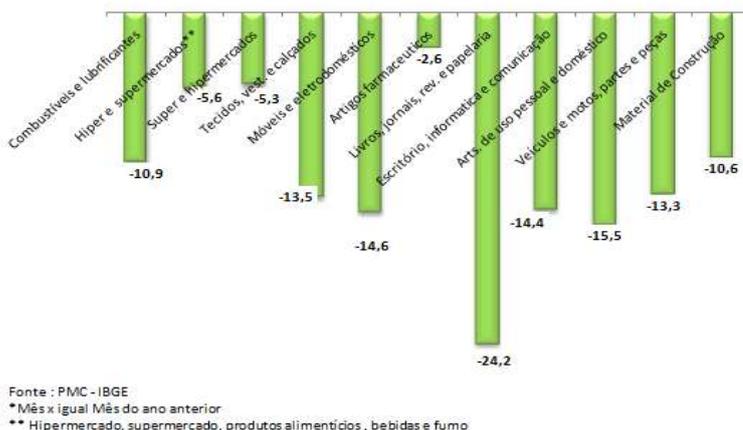


Todos os setores do varejo apresentaram queda em maio

Na comparação frente a maio de 2015 (série sem ajuste), considerando o volume de vendas, todas as atividades registraram variações negativas, mesmo considerando a diferença de um dia útil a mais em maio de 2016 (21 dias) em relação a maio de 2015 (20 dias). Por ordem de contribuição negativa à taxa global (-9,0%), os resultados foram os seguintes: hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo (-5,6%); outros artigos de uso pessoal e doméstico (-15,5%); móveis e eletrodomésticos (-14,6%); combustíveis e lubrificantes (-10,9%); tecidos, vestuário e calçados (-13,5%); artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos (-2,6%); equipamentos e material para escritório, informática e comunicação (-14,4%); e livros, jornais, revistas e papelaria (-24,2%).

Apenas o segmento de hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo, com taxa de -5,6% no volume de vendas em maio de 2016, sobre igual mês do ano anterior, exerceu a principal contribuição negativa na formação da taxa global do comércio varejista. Em termos de resultados acumulados, a atividade apresentou variação no ano de -3,7% e nos últimos 12 meses de -3,4%. Este desempenho negativo vem refletindo o menor poder de compra da população, tanto pela redução da renda real quanto por pressão inflacionária do grupamento alimentos em domicílio, medido pelo IPCA.

Indicadores do Volume de Vendas no Comércio Varejista Maio/2016*



Desigualdade de renda cresce no Brasil e no mundo

O economista francês Thomas Piketty ganhou notoriedade mundial em 2013, quando publicou o seu livro "O Capital no Século XXI", no qual alertou para o crescimento contínuo da desigualdade de riqueza desde a década de 1970, contrária à tendência dos 60 anos anteriores. Já em 2015, segundo estudo do banco CreditSuisse, 1% da população mundial, aqueles que têm um patrimônio avaliado em 760 mildólares ou mais, possuía tanto dinheiro líquido e investido quanto os 99% restante da população mundial. Essa diferença é crescente e aumentou depois da crise de 2008; em poucas palavras, os ricos estão cada vez mais ricos e os pobres...

O tema não representa novidade por aqui, onde um dos principais problemas que assolam o País (entre muitos outros) é, sem dúvida, a desigualdade de renda, que apesar dos avanços dos últimos anos continua extremamente alta no Brasil. Aqui os 10%

mais ricos ganham 40 vezes mais que os 10% mais pobres. Essa diferença é muito alta se compararmos com outros países: Nos Estados Unidos, por exemplo, a diferença entre os ganhos é de 15 vezes. Na França e no Canadá, a distância entre rendas da camada mais rica e da mais pobre cai ainda mais e é apenas 10 vezes maior.

E a desigualdade da riqueza no Brasil? Segundo um estudo publicado em 2015 – a partir de dados da Receita Federal –, em média, entre 2006 e 2012, o 1% mais rico do Brasil se apropriou de poucomenosde 25%da renda nacional total, sendo que o 0,1% mais rico, por si só, ficou com 11%. Pelo estudo, a média de renda dos 0,1% mais ricos foi de R\$ 2,373 milhões/ano em 2012, ao passo que a média dos 1% mais ricos foi de R\$ 552,9 mil, e a dos 5% mais ricos foi de R\$ 197,7 mil (algo equivalente a um salário mensal de R\$ 15,2 mil). Já a renda mínima para a entrada nesse grupo foi de R\$ 57,6 mil; ou seja, aquela

família que recebia salário acima de R\$ 4,4 mil em 2012, já fazia parte dos 5% mais ricos do Brasil.

Apontar tais números não significa advogar a distribuição total e igualitária da riqueza, o que, por si só, é uma impossibilidade, mas que uma melhor repartição certamente contribuiria para um melhor desenvolvimento do País e isso se faz (ou começa) com um sistema tributário mais progressivo, no qual aqueles que possuem mais pagam proporcionalmente mais.

A incidência de alta carga tributária sobre os bens e serviços é um dos problemas gritantes do modelo. Encarece os produtos e diminui o consumo.

Renda Mínima e Renda Média dos 0,1%, 1%, 5% mais Ricos e Renda Média Total (R\$ Milhares correntes, anuais) (Brasil, 2006-2012)							
	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
0,1% mais rico							
Minima	452,70	508,90	630,90	645,30	732,50	843,20	871,70
Média	1.185,00	1.458,60	1.804,10	1.736,90	1.960,50	2.402,60	2.373,50
1% mais rico							
Minima	109,10	113,60	141,20	151,80	168,70	189,20	203,10
Média	285,60	325,70	403,60	408,60	464,50	539,10	552,90
5% mais rico							
Minima	30,50	31,50	38,60	41,90	46,70	52,10	57,60
Média	103,50	111,80	140,30	146,20	164,60	188,30	197,70

Fonte: Renda dos estratos - interpolação a partir dos dados da DIRPF 2006 a 2012; População - IBGE, projeções de população; Renda das famílias - estimada a partir das Contas Nacionais do IBGE - In Marcelo Medeiros, Pedro H. G. Ferreira de Souza e Fábio Avila de Castro (2015), O Topo da Distribuição de Renda no Brasil: Primeiras Estimativas com Dados Tributários e Comparação com Pesquisas Domiciliares (2006-2012). DADOS - Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol. 58, no 1, 2015, pp. 7 a 36.

Focus: Inflação deve ficar em 7,21% e o PIB cai -3,27% em 2016

Projeções - 22/7/2016		
Índices/Indicadores	2016	2017
PIB (% de crescimento)	-3,27	1,10
Produção Industrial (% de crescimento)	-5,95	0,75
Taxa de câmbio - fim de período (R\$/US\$)	3,34	3,50
Taxa Selic - fim de período (% a.a.)	13,25	11,00
IPCA (%)	7,21	5,29
IGP-M (%)	9,04	5,69
Fonte: Boletim Focus - Banco Central		

Segundo analistas de mercado consultados pelo Banco Central, em seu Boletim Focus divulgado em 22/07 a perspectiva para o crescimento do PIB de 2016 é de -3,27%.

Há um mês, o mercado previa recessão de -3,44%. Já para 2017 a previsão é de recuperação, com crescimento de 1,10%.

As projeções indicam que o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) irá fechar 2016 em 7,21%, abaixo dos 10,67% de 2015. Para 2017 a expectativa é de alta 5,29%.

Para o IGP-M, a previsão é de que o índice continue alto e encerre o ano em 9,04%. Para 2017, a projeção é de queda, com 5,69%.

Apesar da inflação ainda alta, a previsão para a Selic é de 13,25% para 2016. Para 2017 a perspectiva é de 11,00% ao ano.

De acordo com o levantamento de 22/7, a previsão do mercado financeiro para a taxa de câmbio no fim de 2016 é de R\$ 3,34. Em 24/6, a cotação estava em R\$ 3,60. A previsão para 2017 está em R\$ 3,50.

Indicadores

Indicadores macroeconômicos																								
Índices	2011					2012					2013					2014					Projeção			
	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2011	2012	2013	2014
1. Atividade econômica																								
PIB (%)	3,9	0,9	2,5	0,10	-3,8	-3,0	-1,6	-2,6	-4,5	-5,9	-5,4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
Agropecuária (%)	3,9	-2,3	7,3	0,40	1,8	1,5	4,0	1,8	-2,0	0,6	-3,7	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
Indústria (%)	1,6	-0,8	1,7	-1,20	-6,2	-3,5	-3,0	-5,2	-6,7	-8,0	-7,8	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
Serviços (%)	2,7	1,7	2,2	0,70	-2,7	-2,7	-1,2	-1,4	-2,9	-4,4	-3,7	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
2. Juros																								
Taxa Selic (final de período) - % a.a.	11	7,25	10	11,75	14,25	13,25	12,25	12,25	12,75	13,25	13,25	13,75	14,25	14,25	14,25	14,25	14,25	14,25	14,25	14,25	14,25	14,25	14,25	
Taxa Prime-rate (% a.a.)	3,25	3,25	3,25	3,25	3,25	3,25	3,25	3,25	3,25	3,25	3,25	3,25	3,25	3,25	3,25	3,25	3,25	3,25	3,25	3,25	3,25	3,25	3,25	
3. Balança comercial																								
Exportações (US\$ bilhões)	256	243	242	224,6	190,0	193,1	13,07	25,80	16,98	15,16	16,77	19,63	18,53	15,49	16,15	16,05	13,81	16,78	11,25	13,35	15,99	15,37	17,57	16,74
Importações (US\$ bilhões)	226,2	223,1	239,6	230,9	172,3	147,5	16,88	31,81	16,52	14,67	14,01	15,10	16,15	12,80	13,20	14,05	12,61	10,54	10,32	10,31	11,56	10,51	11,13	12,77
Saldo (US\$ bilhões)	29,8	19,4	2,6	-6,20	17,7	45,5	-3,17	-6,02	0,46	0,49	2,76	4,53	2,39	2,69	2,94	2,00	1,20	6,24	0,92	3,04	4,44	4,86	6,44	3,97
4. Inflação																								
IPCA-IBGE	6,5	5,84	5,91	6,41	10,71	6,9	1,24	1,22	1,32	0,71	0,74	0,79	0,62	0,22	0,54	0,82	1,01	0,96	1,27	0,90	0,43	0,61	0,78	0,35
IPCA-Alimentos (IBGE)	7,18	9,86	8,48	8,06	12,03	9,2	1,48	0,81	1,17	0,97	1,37	0,63	0,65	-0,01	0,24	0,77	1,83	1,50	2,28	1,06	1,24	1,09	0,78	0,71
IGP-M (FGV)	5,1	7,8	5,51	3,70	10,50	8,4	0,76	0,27	0,98	1,17	0,41	0,67	0,69	0,28	0,95	1,89	1,52	0,49	1,14	1,29	0,51	0,33	0,82	1,69
IPC-Fipe	5,80	5,10	3,88	5,20	11,10	7,0	1,62	1,22	0,70	1,10	0,62	0,47	0,85	0,56	0,66	0,88	1,06	0,86	1,37	0,89	0,97	0,46	0,57	0,65
5. Emprego																								
Taxa de desemprego (IBGE) - PNAD	6	5,5	5,4	4,90	8,4	11,0	6,8	7,4	7,9	8,0	8,1	8,3	8,6	8,7	8,9	8,9	9,0	9,0	9,5	10,2	10,9	11,2	11,2	-
Saldo de empregos (adm-dem) - Caged (mil unid.)	1,945	1,302	1,117	-	-	-	-82	-2	19	-98	-116	-111	-158	-87	-96	-169	-131	-596	-100	-105	-119	-63	-73	-
6. Taxa de Câmbio/Compra																								
Final de período (R\$/US\$)	1,88	2,04	2,34	2,65	3,90	3,20	2,66	2,88	3,21	2,99	3,18	3,10	3,39	3,65	3,97	3,86	3,85	3,90	4,04	3,98	3,56	3,45	3,59	3,21
Média anual (R\$/US\$)	1,67	1,95	2,16	2,35	3,33	3,48	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
7. Renda																								
Massa salarial (%em relação ao ano anterior)	3,4	6,5	2,9	1,40	-	-	2,0	-1,5	-3,8	-3,8	-5,8	-4,3	-3,5	-5,4	-6,1	-1,4	-12,2	-8,5	-10,4	-11,2	-	-	-	-
Bolsa família (R\$ bilhões/ano)	16,7	21,1	24,5	25,30	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
*Último mês do ano																								
8. Indicadores Abras																								
Índice Nacional de Vendas	3,71	5,30	5,36	2,24	-1,9	0,4	3,42	1,93	1,46	0,65	0,59	0,00	-0,20	-0,69	-0,96	-1,02	-1,61	-1,90	-3,38	-0,36	1,18	0,24	-0,23	0,07
Índice de Volume (bimestral)	1,8	-0,6	0,8	-	-	-	-	2,3	2,2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Abramercado-GfK	3,8	7,3	5,43	5,76	-	-	1,04	0,69	0,84	1,40	2,46	1,19	0,82	-0,63	0,84	0,60	4,20	0,87	2,99	0,88	1,07	0,90	0,07	1,65
Tiquete-médio																								
Total Mercado	18,0	25,4	25,3	30,2	44,6	-	41,0	40,3	39,6	40,9	40,3	37,4	40,5	40,4	39,4	40,3	41,5	44,0	44,5	42,5	43,9	43,48	-	-
Autosserviço	35,2	43,1	43,0	47,2	48,3	-	44,7	43,8	43,1	43,1	44,4	40,2	43,8	44,0	41,5	42,7	44,3	47,3	47,7	46,2	46,5	45,74	-	-
Varejo Tradicional	6,7	9,2	11,2	14,5	35,1	-	30,3	29,7	29,3	30,2	29,7	28,5	31,4	31,4	30,9	31,9	32,4	33,9	34,2	32,5	34,5	34,41	-	-
Idas ao PDV																								
Total Mercado	14,3	13,5	10,9	9,7	6,6	-	7,0	6,8	7,0	6,9	7,0	7,2	7,0	7,1	7,0	7,1	6,7	6,8	6,8	6,7	6,9	7,2	-	-
Autosserviço	5,3	4,8	4,5	4,4	4,4	-	4,6	4,4	4,5	4,6	4,6	4,6	4,6	4,6	4,7	4,8	4,5	4,6	4,6	4,5	4,7	4,9	-	-
Varejo Tradicional	12,5	11,3	9,2	8,2	3,5	-	3,9	3,7	3,8	3,7	3,7	3,8	3,7	3,7	3,7	3,8	3,6	3,5	3,6	3,6	3,7	3,7	-	-

Fontes: 1. IBGE, 2. BCB, Federal Reserve Board, 3. MDIC, 4. IBGE, FGV, Fipe, 5. IBGE, CAGED/MTE, 6. BCB, 7. IBGE, MDS, 8. Abras, Nielsen, GfK, Kantar WorldPanel

OBS: PIB - Trimestre/mesmo trimestre do ano anterior

Indicadores do Varejo																		
Indicadores	jan/15	fev/15	mar/15	abr/15	mai/15	jun/15	jul/15	ago/15	set/15	out/15	nov/15	dez/15	jan/16	fev/16	mar/16	abr/16	mai/16	jun/16
Cheques sem fundos - (%) - Serasa	2,06	2,19	2,32	2,26	2,29	2,02	2,29	2,11	2,21	2,20	2,61	2,42	2,41	2,27	2,66	2,38	2,39	2,36
Índice de confiança do consumidor (ICC) - Fecomercio SP*	112,7	112,9	106,9	101,6	91,8	90,6	84,5	84,7	85,5	88,8	85,6	87,2	89,0	95,2	89,3	87,7	90,9	98,0
Índice de condições econômicas atuais (ICEA) - Fecomercio SP*	110,7	109,7	103,3	95,2	81,4	74,1	61,3	59,3	59,8	47,7	54,3	57,9	57,1	66,5	53,5	51,9	47,4	52,4
Índice de expectativas (IEC) - Fecomercio SP*	114,0	115,1	109,3	105,8	98,7	101,5	100,0	101,6	102,7	110,6	106,4	106,6	110,3	114,4	113,2	111,5	119,9	128,5
Usecheque - número de consultas - (% em relação ao mês anterior) - ACSP/IEGV**	-46,6	-35,0	15,4	-16,8	40,0	-15,6	8,1	-5,3	-11,1	11,6	11,3	42,0	-47,7	-9,3	9,9	-14,4	32,9	0,2
SPC - consultas - (% em relação ao mês anterior) - ACSP/IEGV**	-24,7	-36,0	27,9	-12,1	8,2	-9,0	1,1	3,2	2,6	4,9	-5,9	20,8	-30,5	-1,7	17,7	-2,2	0,8	0,5
SPC - registros recebidos - (% em relação ao mês anterior) - ACSP/IEGV**	3,5	6,1	-5,0	-8,2	-6,6	11,9	3,0	4,7	1,3	N.D.								
SPC - registros cancelados - (% em relação ao mês anterior) - ACSP/IEGV**	-40,9	7,3	-18,1	5,5	0,1	1,3	15,6	5,1	26,3	N.D.								

* Este indicador avalia o grau de confiança que a população tem na situação geral do País e nas condições presentes e futuras de sua família.

Obs.: O ICC é a média do Índice de condições econômicas atuais e do Índice de expectativas.

** Variação em relação ao mês anterior

Expediente:

Departamento de Economia e Pesquisa

Moisés Lira/Fabiana Alves/Flávio Tayra (consultor)

Revisão: Roberto Leite

Tel.: 55 11 3838-4516 e-mail: economia@abras.com.br